

Área social concentra maiores desafios

ALBERTO KOMATSU
REPÓRTER DO JB

O próximo governo vai comandar um país que é o 73º em qualidade de vida entre 173 nações do ranking de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), e que tem a quarta pior distribuição de renda do planeta. De acordo com o último levantamento sobre renda do PNUD, de 1998, 0,7% da riqueza do Brasil estava distribuída entre os 10% mais pobres da população.

Em contrapartida, os 10% mais ricos concentravam 48% da renda da nação. Só três países, todos da África, têm desigualdade ainda pior: Serra Leoa, República Centro-Africana e Suazilândia.

– Houve avanços importantes em indicadores sociais, mas a desigualdade da distribuição de renda continua. O próximo governo deve atacar isso frontalmente – afirma André Urani, professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade.

Renda do brasileiro cresce, mas distribuição decepciona

O Brasil subiu dois degraus no ranking da PNUD. Em 1999, era o 75º em qualidade de vida. Em 2000, foi para o 73º lugar, patamar considerado de médio desenvolvimento humano, bem atrás de vizinhos latino-americanos como Argentina (antes da crise, em 34º), Chile (38º), Uruguai (40º), México (54º), Colômbia (68º) e Venezuela (69º).

Isso foi possível porque a renda per capita do brasileiro passou de US\$ 7.037 para US\$ 7.065 no período. Mas este ganho de renda não se traduziu em uma distribuição de riqueza mais justa.

– É preciso ficar claro que esse processo (*da distribuição de renda*) é de longo prazo – diz Urani.

O professor Marcelo Neri, do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da FGV, concorda que o Brasil avançou em áreas como educação e mortalidade infantil. Mas ele lembra que a maior parte desses resultados foi percebida em áreas rurais. Há anos estudando o tema, Neri afirma que a crise social está mais concentrada em regiões metropolitanas. Vale lembrar que a maior parte da população do país é urbana.

– Se o Brasil crescesse 5% ao ano durante quatro anos, a miséria recuaria 17% – diz.